sict SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA DO IFG

SÉRIE *BETTY* (2020): GAROTAS SKATISTAS E PRODUÇÕES DE GÍRIAS

ANDRADE, Isabella Ferreira de
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Câmpus Jataí.

LEITE, Karine Rios de Oliveira
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Câmpus Jataí.

LEITE, Thiago André Rodrigues
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Câmpus Jataí.

Na série *Betty* (2020), que tem como cenário a cidade de Nova York, é perceptível um número significativo de garotos em pistas de skate, o que não significa que as garotas não estejam presentes e atuantes nesses espaços. Afinal, skate também é para elas! Assim, interessamo-nos pela série *Betty* (2020), na qual há cinco garotas skatistas e protagonistas: Camille, Honeybear, Indigo, Janay e Kirt, que estão, com frequência, praticando skate e produzindo gírias em circunstâncias (in)tensas de confrontos e discussões. Selecionamos essa série como nosso material de pesquisa e as gírias ditas pelas cinco adolescentes como nosso objeto de estudo. Justificamos a importância deste trabalho porque a série em tela, com temas e vivências caros ao público adolescente, permite-nos refletir acerca do quão importante é a fase da adolescência na vida de qualquer pessoa, especialmente quando se trata de (certas) lutas para a (re)afirmação de si. É um trabalho socialmente engajado, pois dialoga com existências muitas vezes invisibilizadas, mas empoderadas e resistentes, de modo que, do ponto de vista discursivo, objetivamos investigar se e como as gírias produzidas pelas cinco garotas skatistas podem evidenciar empoderamento e resistência. Nesse sentido, as noções de "resistência", "empoderamento" e "gíria" são fulcrais aqui, sendo passíveis de uma relação teórico-metodológica, de maneira que formulamos a hipótese de que as gírias funcionariam como um lugar discursivo de empoderamento (individual e coletivo), bem como de resistência ao sistema patriarcal. Para tanto, embasamo-nos

em teorias linguísticas, conforme Cabello (2002); teorias do feminismo negro, segundo Berth (2020), Ribeiro (2020) e hooks (2004, 2018); e teorias discursivas, de acordo com Orlandi (2005). Metodologicamente, associamos as gírias às condições de produção, as quais se configuram, minimamente, como as circunstâncias de um discurso, que, no caso da série *Betty* (2020), podem ser pensadas, por exemplo, a partir da ocupação das ruas e das pistas de skate pelas adolescentes, das suas vestimentas, frequentemente, coloridas e despojadas, dos seus cabelos (*black power* ou não) e da própria cultura patriarcal sendo combatida (in)diretamente. Com o áudio em inglês e com a legenda em português, recortamos as sequências linguísticas de emergência de gírias (palavra ou expressão), de forma a analisá-las discursivamente, o que demanda um olhar conjuntural, já que ocorrem em atos enunciativos singulares. Como resultado, concebemos as gírias produzidas pelas meninas skatistas como construções discursivas de visibilidade, uma vez que a produção de gírias por garotas parece que tende a ser silenciada e vista como violenta e "suja" em uma sociedade patriarcal pelo simples fato de emergir dessas existências. Concluímos que as gírias ditas pelas garotas skatistas são um fenômeno linguístico que transcende a formação de grupo, visto que apresentam um funcionamento possível de combate a opressões advindas e/ou relacionadas ao patriarcado. São adolescentes skatistas, amigas, "*bitches*" ("manas"), defendendo-se em um universo hegemonicamente composto por garotos, de sorte que passam por diversos confrontos e dissabores tanto nas pistas de skate quanto fora delas, porém produzem gírias com sentidos e efeitos de sentido de combate às diversas formas de violência, como a objetificação da mulher.

Palavras-chave

Betty (2020); garotas skatistas; gírias; empoderamento; resistência.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás. Agradecemos ao CNPq pela bolsa concedida.